

Visita de estudo a Lisboa Deambulação geográfica e literária

No dia **24 de maio**, sexta-feira, os alunos do **12º ano do ensino regular** (turmas A, B, C e D), acompanhados pelas professoras Armanda Oliveira, Alice Loureiro, Conceição Valente, Clara Faria, Georgina Tavares e Ilda Ferreira realizaram uma visita de estudo a **Lisboa**.

Após longos meses dedicados ao estudo de textos literários, cujas referências geográficas convergiam inevitavelmente para a capital, os alunos mereciam visitar **“A cidade branca”**, eternizada no cinema pelo realizador suíço Alain Tanner. Assim, inspirados no estudo da poesia de **Fernando Pessoa** e no romance de José Saramago, **“O Ano da Morte de Ricardo Reis”**, pretendia-se que os alunos pudessem percorrer Lisboa (**“cidade labiríntica”**), reconhecendo alguns dos lugares frequentados e visitados quer pelo poeta da modernidade quer pela sua criatura e protagonista de Saramago – **Ricardo Reis** (**“Aqui onde o mar se acaba e a terra principia...”**).

De manhã, o percurso iniciou-se no **Largo de São Carlos** (Chiado), junto à estátua **“Hommage a Pessoa”**, do escultor belga Jean-Michel Folon. Este programa literário – **Quando vejo esta Lisboa** – foi uma proposta da casa Fernando Pessoa que se encontra em obras de alargamento e restauro.



As duas guias que a casa Fernando Pessoa disponibilizou convidaram-nos a segui-las a partir do sítio onde Fernando Pessoa nasceu (Largo do São Carlos). Percorremos várias ruas na

zona da Baixa e do Chiado: **Praça Luís de Camões, Igreja da N. Sra. da Encarnação, Largo do Chiado, a Brasileira onde os alunos se deixaram fotografar com o poeta, o Largo do Carmo; o Convento do Carmo; o Elevador de Sta. Justa** cujos rendilhados de ferro guardam promessas de amor eterno, seladas nos corações-cadeados.



Ao longo do percurso descobrimos as lojas, as casas, os cafés e outros lugares que fizeram parte do quotidiano de Pessoa, por circunstâncias de família, de trabalho e de encontros de amor ou de amizade.

No decorrer deste passeio-viagem, **os alunos foram desafiados a registar ideias, imagens ou detalhes**, fosse com o telemóvel ou em papel, para assim construir um mapa personalizado dos lugares e das experiências por que passaram. A nossa última paragem fez-se no **Terreiro do Paço**, ou Praça do Comércio.



Visita de estudo a Lisboa Deambulação geográfica e literária

Aqui pudemos observar o café **Martinho da Arcada** onde tantas vezes Fernando Pessoa terá sido surpreendido a escrever e a beber o seu cálice de absinto.



Finalmente, fomos deixados junto ao Tejo, no **cais das colunas** (“Aqui onde o mar se acaba e a terra principia.”).



Estávamos felizes, porque, afinal, todo o cais é ao mesmo tempo *uma saudade de pedra* e uma promessa de partida para o mundo! Contudo a nossa poesia, naquele momento, era mais fisiológica, mais comezinha... **estávamos todos com fome!** Estabeleceram-se horários, regras e limites e os jovens alunos dispersaram, ávidos de liberdade comestível!

Depois do intervalo, saciada a fome e recuperada a força dos corpos (os mais maduros precisavam de mais tempo, mas era preciso continuar e completar a diáspora literária) houve tempo ainda para uma breve visita à **Casa dos Bicos – Fundação José Saramago** que alguns alunos fizeram questão de conhecer. Os outros, os que não quiseram ou não puderam fazê-lo, comeram **gelados** (se Álvaro de Campos fizesse parte daquele grupo, tê-los-ia aconselhado, naquele momento, a comer **chocolates**, pois ensinam mais do que todas as metafísicas do mundo).

(Come chocolates, pequena;
Come chocolates!
Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates.
Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria.
Come, pequena suja, come!
Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes!
Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de folha de estanho,
Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida.)



Agora, o objetivo era deambular de novo por Lisboa e **rever a matéria “in loco”**. Afinal, todos os alunos tinham lido o romance de Saramago “O Ano da Morte de Ricardo Reis” (pelo menos o capítulo que partilharam com os outros) e estavam prontos para calcorrear os caminhos também percorridos por Ricardo Reis: **Tejo, Cais das Colunas, Praça do Comércio, Rua Augusta, Rua do Arsenal, Praça do Município, Cais do Sodré e “Hotel Bragança”** (“...perto do rio só se for o Bragança, ao princípio da Rua do Alecrim...”) rebatizado com o nome turístico “Lx Boutique Hotel”.

Visita de estudo a Lisboa Deambulação geográfica e literária

Contornámos o hotel e começámos a subir a **rua do Alecrim**: passámos por cima da rua cor de rosa, pela famosa Pensão do Amor e um pouco mais acima, no **Largo do Barão de Quintela**, a **estátua de Eça de Queirós**, escritor romancista e figura incontornável da cultura portuguesa (*Ricardo Reis para diante da estátua de Eça de Queirós ou Queiroz... provavelmente é a língua que vai escolhendo os escritores de que precisa, serve-se deles...*).



“Todos os caminhos vão dar a **Camões**”, por isso, passámos de novo pelo Largo de Camões, poeta omnipresente no texto de Saramago e na memória coletiva dos portugueses. No entanto, o GPS de Ricardo Reis orientava-nos para o **Alto de Santa Catarina**. Arfando, já todos tínhamos percebido que calcorreávamos a cidade das 7 colinas e que não estávamos habituados a estas andanças turísticas (alguns cansavam-se, porque as pernas eram inexperientes, outros porque as tinham demasiado experimentadas).

Depois das típicas ruelas e escadinhas de Lisboa, chegámos, finalmente ao **Miradouro de Sta Catarina** onde “*um grande bloco de pedra, toscamente desbastado, (...) parece um mero afloramento de rocha, e afinal é monumento – o furioso Adamastor!*”.



Pois é, lá estava ele, empedernido, solitário, sofrido, tão sofrido, longe de todos e de tudo... lembrando-nos de que há ainda muitos obstáculos, muitos perigos que nos esperam e que temos de superar... sofreremos nós também com o Adamastor, aprisionado pelas grades da reabilitação turística.

Durante alguns minutos, esquecemo-nos da exigente caminhada, das escadas e escadinhas, das mochilas ainda pesadas, dos passeios estreitos, da calçada muito portuguesa e escorregadia, das obras da cidade sempre em reconstrução, da poluição dos inevitáveis automóveis, do nervosismo sonoro dos condutores apressados, das praças apinhadas de turistas...!

A vista era deslumbrante... tinha valido a pena, até porque a alma daquela gente, apesar de ainda jovem, não era pequena. Agora descansávamos também o olhar que, à boleia de um navio-cruzeiro, deslizava sobre as águas aveludadas do rio Tejo “*mais belo que o rio da [minha] nossa aldeia*”.

Nem queríamos acreditar: era preciso inverter a marcha, regressar ao ponto de encontro, o que implicava descer outra vez: **Elevador da Bica, Travessa dos Teatros, Teatro S. Carlos, Praça Luís de Camões, Largo do Chiado, Rua Garrett, Rua do Carmo, Rossio e Restauradores**.

O autocarro lá estava, branquinho, grande, espaçoso, e muito confortável, pronto para nos oferecer uma massagem aveludada enquanto circulava pela cidade em hora de ponta. **O destino era Belém**.

Visita de estudo a Lisboa

Deambulação geográfica e literária

Em **Belém**, virámos as costas ao **Mosteiro dos Jerónimos**, atravessámos o jardim, fingimos que não vimos, do lado direito, no famoso **CCB**, a **coleção de Joe Berardo**, o **caloteiro (fizemos-lhe caretas!)**, descemos a escadaria, percorremos o túnel por baixo da linha do comboio (como manda a tradição, gritámos à vontade), subimos de novo e demos de caras com o **Padrão dos Descobrimentos**. No topo do monumento, desfrutámos de novo de uma **vista deslumbrante** sobre o Tejo e sobre a parte ocidental da cidade.



Depois de jantarmos e de cumprirmos a tradicional visita à doce e centenária **Fábrica dos Pastéis de Belém**, tínhamos de regressar... enfim, também é bom regressar a casa, é bom voltar para o colo da nossa terra...



Em baixo, na **rosa-dos-ventos**, aconchegámo-nos todos para eternizarmos, naquele momento, aquele dia, aqueles anos... muitos risos, poses, hesitações e alguma paciência... mas coubemos todos dentro daquele fantástico “gadget” – estava tirada a foto de família!



E foi outra vez a estrada, o cansaço bom, a noite, os **cantares ao desafio**, lembrando as canções e os filmes que marcaram a deles e a nossa infância.

Talvez haja quem pense que é exagero, mas a verdade é que **também se disse poesia**, ali mesmo, no autocarro, à média luz, com o microfone numa mão e, claro, com o telemóvel na outra (viva a tecnologia!).

Afinal, a nova geração não estará perdida... e ainda bem, porque **é aqui que a escola acaba e a nova vida (talvez universitária) principia ...!**

As professoras participantes,
Alice Loureiro, Armanda Oliveira, Clara Faria, Conceição Valente, Georgina Tavares e Ilda Ferreira